



NÔ PINTCHA

• ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO •

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

PRESIDENTE LUIZ CABRAL NO REGRESSO A BISSAU

'VAMOS AVANÇAR A PAR NA GUINÉ E EM CABO VERDE'

Ao regressar da sua triunfal viagem a Cabo Verde, na qualidade de Presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau e Secretário - Geral - Adjunto do PAIGC, camarada Luiz Cabral manifestou ao enviado especial do «NÔ PINTCHA» toda a sua alegria pela maneira como decorreu a visita, a primeira de um Chefe de Estado a Cabo Verde independente, e que o camarada Presidente qualificou como tendo sido realizada «num ambiente extraordinário de amizade e camaradagem».

O camarada Presidente referiu também as consequências políticas que resultaram da viagem resumindo-as na necessidade de avançarmos com o programa da Unidade. Embora, como nos afirmou, «a situação actual não permita a Unidade orgânica dos dois Estados, neste momento», o camarada Luiz Cabral deu-nos conta das diligências concretas que vão iniciar-se para a materialização da base económica da

Unidade, antes de se passar à ligação orgânica entre os dois Estados.

«Foi manifestado pelas duas partes, com a Direcção do Partido a intenção de vermos, no Congresso, o que é que se poderá fazer no imediato, na perspectiva da unidade no quadro do desenvolvimento económico. Temos que pensar numa planificação do desenvolvimento complementar, tendo em conta o mercado guineu-caboverdiano. Te-

mos que pensar em intercâmbios do ponto de vista comercial. Há boas perspectivas disso, como, por exemplo, a moagem de S. Vicente que pode, perfeitamente, servir a Guiné e Cabo Verde. Há também grandes possibilidades de se fabricarem lá carteiras para as nossas escolas e outro mobiliário, nas cooperativas de produção que foram entretanto criadas. Podemos mandar madei-

(Continua na página Central)

COMISSÁRIO DA SAÚDE

A POPULAÇÃO CONTRIBUI PARA A ASSISTÊNCIA MÉDICA

As pessoas vão passar a contribuir mínimamente, segundo as suas possibilidades, para a realização do programa de assistência médica no nosso país, revelou ao «Nô Pintcha» o Comissário de Estado de Saúde e Assuntos Sociais, ao anunciar a próxima entrada em vigor de um novo regulamento interno dos hospitais.

«Depois de termos dado assistência médica gratuita, ao nosso povo, durante um ano, chegámos à conclusão de que o nosso Governo não tem actualmente possibilidades de continuar esta assistência, como desejaríamos, pois isso tem acarretado uma série de dificuldades, do ponto de vista económico», afirmou à nossa reportagem o camarada João da Costa, que é membro do Conselho Superior da Luta do Partido.

«Assim, entendemos que

devíamos rever esta situação, pois o Estado tem tido despesas exageradas com os serviços de Saúde. Só em 1975, gastámos 211 mil contos na compra de medicamentos, chapas de radiografia e material de laboratório para utilização em todo o país», esclarece o camarada Comissário da Saúde.

Mas não são só estas as razões que levam o nosso Governo a decidir que os diferentes estratos populacionais devem contribuir, de acordo com as suas possibilidades, para as despesas que o Estado suporta com a assistência médico-hospitalar. Na verdade, tem-se verificado que muitas pessoas vão ao Hospital sem estarem verdadeiramente doentes, o que dificulta o trabalho dos médicos e do restante pessoal.

(Continua na página 2)

“DEVEMOS RECEBER O CAMARADA AGOSTINHO NETO COMO UM HERÓI DA ÁFRICA”



«Devemos receber o camarada Agostinho Neto como um herói, não só das antigas colónias portuguesas, como também da África inteira», sublinhou o Presidente Luiz Cabral, comentando a próxima visita do dirigente máximo do M.P.L.A. e da República Popular de Angola, ao nosso país.

Falando à sua chegada de Cabo Verde, o Presidente Luiz Cabral recordou que «o povo irmão angolano, os combatentes das FAPLA, foram os primeiros africanos a fazer face às tropas racistas da África do Sul», tendo acentuado que «o camarada Agostinho Neto honra-nos com esta visita à nossa terra, que ele escolheu como uma das primeiras a visitar, depois da libertação total de Angola».

O nosso povo e, em especial, as organizações do Partido, dos sindicatos, das mulheres, da juventude, os trabalhadores da função pública, está a mobilizar-se em larga escala, para demonstrar ao camarada Presidente Agostinho Neto, quando ele chegar a Bissau, na próxima terça-feira, todo o seu apreço, a sua gratidão, pela heróica e vitoriosa luta travada pelo povo angolano, em defesa da liberdade e do progresso de toda a África, contra os imperialistas e os racistas.

«O camarada Agostinho Neto foi um dos primeiros companheiros de Amílcar Cabral, foi um dos primeiros jovens do conjunto das colónias portuguesas que compreendeu a necessidade de mudar a situação colonial nas nossas terras, para tomarmos o nosso destino nas nossas próprias mãos», disse Luiz Cabral, acrescentando: «Foi um combatente infatigável, tanto no seio dos jovens africanos que estavam em Portugal, como depois de, concluído o seu curso, regressar à sua pátria. Foi então preso pela sinistra PIDE-DGS, tendo sido deportado para Cabo Verde, onde exerceu grande influência, durante o seu cativeiro».

«O camarada Agostinho Neto é um dos mais puros combatentes da liberdade, tendo sido capaz de dar tudo, assim como muitos outros nossos camaradas, pela independência e liberdade do povo angolano. Enfrentando as manobras dos inimigos, manteve a sua determinação de construir uma Angola verdadeiramente independente, naquela linha pura, de acordo com os interesses de África e do povo angolano, fazendo face a todos os obstáculos criados ao M.P.L.A.».

«Vimos, nesta última fase da luta de libertação do povo angolano, quanta força fizeram os imperialistas, os racistas e os seus lacaios internos, que queriam travar a luta do M.P.L.A.. Vimos também que a decisão e a coragem do camarada Agostinho Neto e seus companheiros levaram o povo angolano à vitória. Essa vitória transcendente, consideramo-la como a mais importante jamais alcançada em África e uma contribuição para a consolidação da nossa independência nacional, tanto na Guiné como em Cabo Verde, pois os inimigos do M.P.L.A. são nossos inimigos e, se vencessem em Angola, enviaríamos os seus mercenários para aqui, para Moçambique ou para qualquer outra parte de África».

ASSEMBLEIA POPULAR DE CABO VERDE NA SEXTA-FEIRA

A Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde reúne nos próximos dias 19, 20 e 21, com uma agenda de trabalhos dos quais avulta a escolha dos deputados caboverdianos que vão integrar a Comissão Mista da Unidade, juntamente com os representantes da Assembleia Nacional da Guiné-Bissau.

Trata-se da primeira reunião da ANP após a independência, já que a até agora única reunião se fez nas vésperas do dia 5 de Julho para proclamar a República de Cabo Verde. No momento em que a notícia foi divulgada, pelo camarada Aristides Pereira (em entrevista que publicaremos no próximo número) ainda não se sabia o local exacto da reunião embora se julgue que os traba-

(Continua na pág. 8)

NO PRÓXIMO NÚMERO:

ENTREVISTA
COM O SECRETÁRIO-GERAL DO P.A.I.G.C.
CAMARADA ARISTIDES PEREIRA
SOBRE O III CONGRESSO

ENTREVISTA COM O COMISSÁRIO DA SAÚDE

A nossa população vai contribuir de acordo com as suas possibilidades para melhorar a assistência médica

(Continuação da 1.ª pág.)

Devido à grande afluência de pessoas às consultas, os médicos chegam a ter apenas dois ou três minutos para cada paciente. «**Se aquelas pessoas que vêm à consulta externa, à menor dor de cabeça ou indisposição, ou porque não têm nada que fazer em casa, passaram a pagar, de agora em diante, 10 pesos ou mais teremos certamente mais alívio no «Simão Mendes», os médicos poderão observar cuidadosamente os doentes e a assistência poderá até melhorar um pouco»** sublinha o camarada João da Costa.

Há outros casos insólitos que contribuíram para a decisão do nosso Governo: muitas vezes, os médicos enviam os doentes, cujo diagnóstico é duvidoso, para análises clínicas e verificou-se que grande número deles nunca voltou ao laboratório, para saber os resultados! «**Em 1975, foram feitas quase oito mil análises cujos resultados os doentes não foram buscar**», revelou o camarada Comissário, acrescentando que «**se queremos de facto levar a nossa terra na senda do progresso, temos de procurar acabar com esta situação, arranjando o melhor modo de levar a população a participar na recons-**

trução nacional, pagando conforme as suas possibilidades as consultas médicas».

Durante a luta armada de libertação nacional, o nosso povo das largas áreas libertadas não pagava a assistência médica pelo que o facto de agora passar a pagar, ainda que, em certos casos, apenas uma quantia mínima, poderia criar problemas aos responsáveis pelo sector de saúde. O camarada João da Costa explica-nos este ponto: «**Na reunião que realizámos em Julho do ano passado, em Bafatá, camaradas nossos levantaram essa questão. Mas nós somos revolucionários e temos de estar à altura de solucionar todos os nossos problemas. Nessa reunião, fizemos uma análise profunda da situação e concluímos que na verdade, durante a luta de libertação a assistência nunca foi gratuita, pois o nosso povo das áreas libertadas oferecia alimentação ao pessoal da saúde, transportava os medicamentos, as armas e os feridos para os hospitais de campanha. Ora isso era um pagamento e bastante duro!»**

«O NOSSO POVO COMPREENDERÁ»

O novo regulamento interno dos hospitais, que vai entrar em vigor brevemente em todo o país, prevê uma tabela de honorários ou custo de actos médicos. Estabelece que o pagamento das consultas, análises e medicamentos será feito, doravante, da seguinte forma: haverá um escalão (comerciantes, proprietários, industriais, diplomatas e empregados do sector privado) que pagará 100 por cento das despesas; um outro escalão, de funcionários públicos, pagará parcialmente as despesas, de acordo com as remunerações correspondentes às letras (inclusivé)

A — D : 20 por cento
E — J : 10 por cento
K — N : 5 por cento e
O — Z : 2,5 por cento.

Os indigentes pagarão 10 pesos por cada acto médico: 10 PG por consulta, 10 PG por avio de qualquer receita, 10 PG por qualquer análise, 10 PG por qualquer radiografia quer dizer que pagarão um mínimo de dez pesos e um máximo de quarenta.

Quanto à hospitalização: os doentes do primeiro escalão (comerciantes, proprietários, industriais, diplomatas e

(Continua na Pág.ª 3)

Pesquisa de Bauxite

O Governo húngaro vai enviar-nos técnicos para a pesquisa de bauxite no nosso sub-solo, no âmbito dos acordos de cooperação técnica e comercial assinados com o nosso Governo, durante a estadia do Comissário de Estado do Comércio e Artesanato, camarada Armando Ramos, naquele país.

Ao regressar da Hungria, no passado sábado, acompanhado pelo director-geral da Cooperação Internacional, camarada Inácio Semedo, o camarada Armando Ramos referiu que os acordos agora assinados se situam no quadro da cooperação entre o nosso país e os países amigos que nos ajudaram durante a luta de libertação nacional, cooperação e amizade «que desejamos reforçar cada vez mais».

Por outro lado, tempos atrás, a Hungria era o maior produtor mundial de bauxite possuindo uma técnica avançada neste ramo, que nos virá a ser muito útil.

De passagem por Lisboa, a delegação teve contactos com empresas comerciais portuguesas.

RESPONDE O POVO

Consultas e medicamentos pagos: concorda?

Algumas pessoas poderiam estranhar: então no Programa do nosso Partido diz-se «**medicina gratuita para todos os cidadãos»** e o Estado passa agora a exigir o pagamento da assistência médica, se durante a luta armada nunca o fez às populações das antigas zonas libertadas?».

Ora, só quem não estudou com rigor os factos concretos da nossa realidade não o saberá explicar. Se recordarmos tantos sacrifícios enfrentados pelo povo das zonas libertadas, durante a luta desde o carregamento de materiais ao fornecimento de alimentação às nossas corajosas FARP, chegamos à conclusão de que ele não recebia assistência de graça.

Outra razão é a tenra idade financeira da nossa caixa económica que, depois de um ano de experiência, não suporta a enorme despesa da saúde, sem prejuízo da própria assistência que é devida ao povo.

O que pensa sobre isso a população?

MÁRIO A. CABRAL
(Estudante)

«É justa esta decisão do nosso Governo, pois permite que o nosso povo ajude o Estado a comprar, no estrangeiro, os medicamentos de que necessitamos.

Isto deve ser, para nós, uma tomada de consciência.

Não teria piada nenhuma se o dinheiro cobrado pelos tratamentos médicos fosse empregue onde a gente não sabe. Não valia a pena cobrar 10 pesos de consulta a um pobre homem. O que devemos entender é que esse acto tem a sua justificação. O dinheiro que as populações passam a pagar, servirá para comprar no estrangeiro medicamentos que essas próprias populações necessitam».

JERÓNIMO MOREIRA
(Funcionário judicial)

«Concordo com esta medida tomada pelo nosso Estado, de cobrar as consultas médicas.

«É certo que qualquer país que acaba de ascender à independência encontra sempre barreiras de dificuldades de vária ordem, dificuldades essas que, muitas vezes, levam o Governo a adoptar certas medidas, a fim de evitar maiores prejuízos. Portanto, todos nós devemos colaborar o máximo que pudermos na edificação económica do nosso Estado. Mas somos nós próprios que, com o nosso trabalho de cada dia, saberemos justificar este facto e responder a essas dificuldades».

SUZANA M. DA COSTA
(Costureira em Bafatá)

«O Governo nunca teria

tomado tal medida se não houvesse uma razão que a justificasse. Estou de acordo que um indivíduo pague dez pesos por consulta ou cinquenta pesos, conforme a categoria dos funcionários, na medida em que o Estado não tem dinheiro para aguentar tamanhas despesas».

LAMINE DJATA
(Desempregado)

«Se o Estado tomou esta decisão, não há dúvidas que é justa. Fez muito bem em estipular o quadro de contribuir em escalões diferentes, porque nós também temos condições e possibilidades diferentes. Há uns que têm possibilidades de conseguir tudo aquilo que lhes é necessário e outros que o conseguem com muito sacrifício, para não falarmos daqueles que nem serão capazes de arranjar dez pesos, todas as vezes que adoecem.

É certo que o nosso país não dispõe de economia nenhuma, razão pela qual criou esta lei. Mas penso que não é uma medida definitiva, que poderá vir a ser alterada à medida que viermos a dispôr de mais quadros sanitários, filhos cá da terra, e avançarmos na nossa economia. Nessa altura, já não será necessário cobrar dinheiro a ninguém, visto que, quem ajudou a levantar essa economia é o próprio povo».

NO PINTCHA

Orgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00

6 meses 250\$00

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500\$00

6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NÓ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

SEGUNDA-FEIRA — «HIGIENE» — Rua António N'Baná, telefone 2520.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Radiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — As 20,45 horas

— «O CIRCO DOS VAMPIROS» — m/18 anos.

SEGUNDA-FEIRA — As 20,45 horas

— «SENHORAS E CAVALHEIROS» — m/18 anos.

CABO VERDE

LUIZ CABRAL EM S. VICENTE

«Em frente pela materialização da unidade!»

Concluída a visita à ilha de Santiago, que reteve a delegação guineense durante quatro dias, o camarada Luiz Cabral iniciou, com a ida à Ilha do Fogo, a segunda fase da sua deslocação oficial à República irmã de Cabo Verde.

Na terça-feira de manhã a delegação da Guiné-Bissau, presidida pelo camarada Luiz Cabral e integrando mais 22 pessoas, nomeadamente os camaradas Vítor Saúde Maria, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Paulo Correia, membro do CEL e Presidente do Comité de Estado da Região de Bissau, Abdulay Bary, do CEL e comandante militar de Bissau, Bakar Cassamá, membro do CSL, Julião Lopes, membro do CSL e comandante da Marinha e Filinto Barros, Secretário-Geral da Presidência, voou para S. Vicente sendo recebida no aeroporto de S. Pedro pelo camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC.

Ainda no aeroporto, uma delegação do Partido dirigida pelos camaradas Olívio Pires, membro da Comissão Nacional de Cabo Verde do PAIGC, e Luís Fonseca, responsável da organização do Partido em S. Vicente, apresentou cumprimentos ao Presidente Luiz Cabral. Notavam-se entre as bandeiras e cartazes empunhados por jovens, no aeroporto, as bandeiras do PAIGC, do MPLA, da FRELIMO e do MLSTP, assim como uma grande bandeira da Associação Académica do Mindelo.

O povo da ilha concentrou-se ao longo do percurso para saudar Luiz Cabral, sendo muitíssimo numerosas as pessoas que o aguardavam junto ao Palácio do Povo. Entre a multidão, uma enorme tira branca de pano marcava o sentido geral da manifestação com o «slogan» «Avante pela materialização da unidade». O Presidente Luiz Cabral dirigiu uma breve mensagem à multidão.

A parte da tarde na cidade do Mindelo foi ocupada com visitas a instalações industriais, tais como a fábrica de moagem e os armazéns frigoríficos de pescado. À noite, o camarada Presidente da Guiné-Bissau ofereceu uma recepção no Palácio do Povo em honra do camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde. Participaram os responsáveis do Partido e da Administração Regional do Estado, representantes das diversas organizações de massas, comerciantes e militantes. A recepção seguiu-se um bonito concerto pelo grupo «Nova Aurora», com alguns poemas de permissão.

No dia 10, quarta-feira, a delegação da Guiné-Bissau subiu ao Monte Verde onde se deteve a apreciar o moderno complexo de telecomunicações. Na Baía das Gatas, no sopé do Monte Verde e frente a bonitas praias de águas povoadas de barcos pis-

catórios, foi servido um breve almoço posto o que toda a delegação regressou à cidade para tomar o avião para o aeroporto Amílcar Cabral, na Ilha do Sal. Aristides Pereira seguiu momentos antes para o Sal, onde se encontrava já a aguardar o camarada Luiz Cabral quando o avião dos TACV (Transportes Aéreos de Cabo Verde) tocou a pista cerca das 18 horas.

O camarada Luiz Cabral viajava acompanhado pelo camarada Abílio Duarte, Presidente da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde enquanto o camarada Aristides Pereira se fazia acompanhar pelo camarada Silvino da Luz.

No Sal, antes de jantar efectuaram-se visitas às salinas, aos viveiros de lagosta, em construção na baía, perto dos depósitos de gasolina, e às obras de ampliação do cais portuário.

Havia bastante gente a aguardar o camarada Luiz Cabral, mas em todas as paragens que o camarada Presidente fez para

saudar a população, a Informação apenas pôde olhar longe já que se encontrava lá ao fundo de uma fila de umas vinte viaturas. Vimos sim, porque foi na cauda do cortejo, o choque de três automóveis da comitiva, em que sofreu alguns arranhões na testa a irmã do Presidente, D. Arminda Cabral. Para além do susto, nada mais aconteceu, a não ser três viaturas bastante amolgadas.

À noite, na residência do camarada Aristides Pereira foi servido um jantar, tendo ainda o camarada Luiz Cabral concedido uma pormenorizada entrevista à Rádio Voz do Povo, de Santiago, em que falou da actual situação política na Guiné-Bissau, da criação da moeda nacional e do significado desta visita oficial a Cabo Verde.

Na quinta-feira, dia 11, o camarada Presidente Luiz Cabral regressou à Guiné-Bissau pondo assim termo à sua triunfal visita a Cabo Verde, a primeira de um Chefe de Estado a esta jovem República independente.

O PAIS

Comissário da Saúde

(Continuação da pág. 2)

empregados do sector privado arcarão com a totalidade das despesas de hospitalização; as despesas de hospitalização serão gratuitas para todos os funcionários e suas famílias (mulher e filhos e pais que não tenham recursos) e para todos os cidadãos com proventos correspondentes ou inferiores ao escalão que compreende as letras de O a Z.

Os membros de CEL do Partido, do Conselho de Estado, do Conselho dos Comissários e das FARP terão direito a assistência gratuita.

Comentando estas medidas, o Comissário da Saúde camarada João da Costa acentuou que «esta decisão que tomámos de passar a cobrar os actos médicos tem um carácter transitório, pois com a melhoria da nossa economia ela será revista e adaptada à nova situação. Sabemos que as receitas que agora obtivermos não vão resolver a situação económica actual do país, mas não podemos deixar tudo por conta do Estado. Estamos convencidos que o nosso povo compreenderá, porque todos conhecem as dificuldades que atravessamos, devido à herança colonial. Não vamos exercer o co-

mércio da medicina, pelo contrário, estamos a procurar o modo de garantir às populações, da forma mais justa, uma assistência contínua».

Cerveja "CICER" em latas da malta

Visando a satisfação do consumo público e face à falta de vasilhame próprio, a Companhia Industrial de Cervejas e Refrigerantes (CICER), superiormente autorizada, vai proceder, pelo período de um mês e destinado exclusivamente ao consumo interno, ao enchimento de determinada quantidade de cerveja «Sagres» em latas com o rótulo de «Malta-Não-Alcoólica», sem alteração da respectiva qualidade. Apela-se pela boa compreensão do público pois, pretende-se apenas evitar que fique privado, por muito tempo, do referido produto.

Cinema no liceu

Realiza-se hoje e amanhã no Bloco Circum-Escolar, sessões de cinema organizadas pela Secção Desportiva do Liceu Kwame N'Krumah. O filme intitula-se «A Balada do Soldado», e é um clássico do cinema soviético.



Amílcar Cabral

Por uma África nova e melhor

«Em Cabo Verde não havia ninguém na altura em que foi descoberto. Mas há a hipótese de que Cabo Verde tinha gente antes, particularmente gentes da Costa da África tanto manjacos, como lebus, pescadores lebus da costa do Senegal, teriam chegado a ir até Cabo Verde, navegando nas suas canoas e hoje está provado que algumas dessas canoas são capazes de navegar longe como as canoas dos nhomincas por exemplo. Além disso, há hipótese na História de que os fenícios, eram um povo antigo que habitava a terra dos libaneses que nós chamamos sirianos, que é na Ásia Menor, e que fizeram o chamado périplo da África, dizem que passaram em Cabo Verde e que viveram lá».

«A verdade é que quando os tucas encontraram as Ilhas de Cabo Verde no meio do mar, não encontraram lá ninguém. E quando a escravatura se desenvolveu, resolveram levar para lá escravos para fazerem em Cabo Verde um armazém de escravos. Quando a escravatura começou a acabar, cada ilha passou para as mãos de um branco importante, um Dom qualquer coisa, como donatário, dono da ilha, que pôs os escravos a serem explorados como escravos ou então explorados depois como criados, como servos na casa do dono da terra. Este foi o ponto de onde partimos, a situação que os tucas criaram em África».

«Sabendo bem de onde partimos temos que saber bem para onde vamos com a nossa luta armada. A nossa luta armada, nós dissemos, é uma forma de luta política, que procura libertar a nossa terra da exploração económica colonial e imperialista. É esse o nosso objectivo fundamental, libertar as forças produtivas da nossa terra, da opressão, da dominação colonial imperialista. Mas uma pergunta: estamos a fazer isso para voltarmos para onde estávamos, para voltarmos para Cabo Verde, como escravos ou como servos, ou servindo como criados? Estamos a fazer isso para voltarmos ao tempo em que os manjacos e papéis brigavam muito, em que os mandingas e balantas não se entendiam? Isso é um bocado difícil. Não, nós estamos a libertar a nossa terra para avançarmos como outros povos do mundo, para o progresso, para uma vida de dignidade, para a unidade da nossa terra, nacionalmente, para ajudarmos a levantar uma África nova e melhor. Esse é que é o objectivo da nossa luta, no quadro do mundo, da humanidade, à qual pertencemos como seres humanos».

«Na nossa luta, portanto, um tiro que damos no quartel de Buba ou um tiro que damos num tuga, no caminho ou numa emboscada, é um acto político da primeira grandeza. Nós estamos a servir a humanidade, camaradas, estamos a servir o nosso povo, a nossa terra, a África, a humanidade. Esta é a nossa responsabilidade ao dar um tiro, fazendo guerra na nossa terra, para libertarmos o nosso povo».

«Por isso mesmo, temos que orientar a nossa luta armada, da melhor maneira possível, de acordo com realidade da nossa terra, de acordo também com a experiência dos outros povos, desde que essa experiência seja válida para nós. Por isso, temos que evitar e evitamos na nossa luta, tudo quanto possa diminuir a dignidade do ser humano. O nosso Partido proíbe na nossa luta, tudo quanto possa ser crime, tudo que, no nosso espírito, seja ódio, desejo de sangue. Nós fazemos sangue, temos ódio aos colonialistas, que nos domina, sabendo o que estamos a fazer, claramente, para não confundirmos, camaradas, por isso mesmo temos dificuldades com os nossos felupes para os juntar a nós, porque a sua concepção, quando se mata alguém na guerra é preciso cortar a cabeça e as orelhas».

"Depois do Congresso vamos traçar as grandes linhas para a materialização da unidade no plano económico"

(Continuação da 1.ª página)

ra daqui e a nossa cerveja também poderá ser vendida em Cabo Verde. Tudo no espírito de intercâmbio que devemos aumentar cada vez mais. Falámos na eventual criação de uma empresa mista de transportes aéreos e outra de transportes marítimos. Tudo isto estamos convencidos que é preciso fazer-se e depois do Congresso vamos traçar as grandes linhas para a materialização da unidade no campo económico».

ACOLHIMENTO ENTUSIASTICO A UM COMBATENTE DA LIBERDADE DE ÁFRICA

Por toda a parte onde passou o camarada Luiz Cabral foi acolhido como herói da libertação da Guiné e de Cabo Verde, como exemplo do combatente da liberdade da África e como dirigente superior do Partido. Notava-se isso no entusiasmo das pessoas, nos cartazes e nos retratos, agitados um pouco por todo o lado, nas declarações públicas e privadas que durante a semana de visita foram ouvidas nas ilhas visitadas.

Em Santiago, principalmente na Cidade da Praia, mas também em Santa Catarina, onde vivem familiares e onde viveu com o camarada Amílcar Cabral, durante os anos da juventude, a recepção excedeu tudo o que se poderia pensar. Não é que, noutros locais, o camarada Luiz Cabral não tenha sido alvo da alegria e do entusiasmo do povo caboverdiano: mas em Santiago foram ultrapassadas todas as barreiras, o povo da Praia veio em peso para a rua e tornou o cortejo do dia da chegada numa memorável jornada política de significado inequívoco no quadro da unidade.

Em S. Vicente, o povo recebeu também Luiz Cabral em ambiente festivo: simplesmente, o entusiasmo era mais comedido, as pessoas menos exuberantes e os contactos entre o camarada Presidente e as massas populares menos prolongados do que noutros sítios onde houve «meetings» e reuniões. Em contrapartida, a organização da estadia na ilha decorreu de forma impecável, sem uma falha em todos os pormenores, o que facilitou, extraordinariamente, tanto as deslocamentos da comitiva presidencial como o trabalho dos órgãos de Informação da Guiné e de Cabo Verde.

Pena é que da ida a ilha do Fo-

go e da recepção no Sal seja impossível entrarmos em mais pormenores e darmos o relevo correspondente ao que fizemos nas edições anteriores sobre a estadia em Santiago. É que o «NÓ PINTCHA» não foi convidado a deslocar-se à Ilha do Fogo, onde os camaradas Aristides Pereira e Luiz Cabral, acompanhados por parte das delegações e por todos os demais órgãos da Informação da Guiné e de Cabo Verde, passaram a segunda-feira. Na Ilha do Sal, a informação foi colocada em último lugar no cortejo de duas dezenas de automóveis pelo que vimos, de longe, dísticos e bandeiras, gente e entusiasmo, mas sem ser possível distinguir que bandeiras, que dísticos e que gente aguardava, na entrada das localidades mais importantes, o Presidente da Guiné-Bissau.

PRIMEIRO CHEFE DE ESTADO A VISITAR CABO VERDE

Em resumo de tudo isto, ficou a certeza de o povo de Cabo Verde vê nos dirigentes, nos combatentes e no povo da Guiné-Bissau, o mesmo que os seus dirigentes, os seus combatentes e o seu povo. É uma base sobre a qual a unidade se irá materializando, nos termos e pelos motivos que, aliás, o camarada Luiz Cabral deixa bem claros no balanço da viagem que fez para o jornal «NÓ PINTCHA» e foi recolhido pelo nosso enviado especial.

Disse-nos o Secretário-Geral-Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado, imediatamente após terminar a sua visita a Cabo Verde:

«Os camaradas quiseram dar a esta primeira viagem a importância e a solenidade da visita do primeiro Chefe de Estado a Cabo Verde depois da independência, da visita do Chefe de Estado da República irmã da Guiné-Bissau, também Secretário-Geral-Adjunto do PAIGC e companheiro de jornada de Aristides Pereira».

«Tenho profundas ligações, do ponto de vista pessoal, com o camarada Aristides Pereira. Juntos começámos a interessar-nos pelos problemas das nossas terras, mesmo antes da fundação do nosso Partido. Por iniciativa do camarada Amílcar Cabral, criámos juntos o PAIGC. Lutámos juntos na clandestinidade, aqui em Bissau, quando o camarada Cabral estava ausente da Guiné. Fomos encontrar em Conakry, ele via Lisboa e eu via Dakar. A partir de Conakry, or-

ganizámos a luta com o camarada Cabral e vivemos toda aquela época gloriosa da luta sob a direcção de Amílcar Cabral».

«Depois do bárbaro assassinato de Amílcar Cabral ficámos juntos, eu com o camarada Aristides, com toda a responsabilidade, até à vitória final. O nosso reencontro após uma ausência de três meses — a mais longa separação entre nós nos últimos 16 anos — foi uma coisa maravilhosa».

«O camarada Aristides Pereira deu toda a importância à visita. Foi, como sempre, extraordinário nas suas intervenções, mostrando toda a ligação que havia entre a luta pela libertação da Guiné e Cabo Verde, mostrando o valor e o sacrifício consentido pelo povo da Guiné para a libertação de Cabo Verde, referindo todo o desejo de Cabo Verde, dos seus dirigentes, do povo, para avançarmos com a Unidade Guiné-Cabo Verde preconizada por Amílcar Cabral nesta segunda etapa da nossa luta de libertação nacional».

UM TRABALHO GIGANTESCO DO PARTIDO

«Tivemos oportunidade de avaliar todo o trabalho desenvol-

vido pelos camaradas nestes últimos 20 meses, um trabalho gigantesco, levando o Partido a todas as ilhas e a todos os pontos de cada ilha. Foi uma coisa maravilhosa, ouvir as nossas canções de luta cantadas por crianças caboverdianas em todos os pontos onde eu estive».

«Durante o percurso pude tomar conhecimento da situação em Cabo Verde, uma situação difícil herdada do colonialismo. A administração colonial nunca se preocupou em criar estruturas de desenvolvimento. Ao contrário, esse sistema da verba de apoio, criada depois do grande barulho que nós fizemos no plano internacional, para denunciar o crime de deixarem o povo morrer à fome, criou muitos vícios, criou parasitas e não deu contribuições ao desenvolvimento das ilhas».

«Entretanto, os camaradas acabaram com essa verba de apoio, o que trouxe grandes problemas, desemprego. Mas os camaradas estão convencidos que poderão pouco a pouco resolver o problema. Decidiram acabar com as verbas gastas no apoio e reconvertê-las em investimentos produtivos, que criem condições melhores para a agricultura, e mes-

mo em pequenas unidades industriais transformadoras. Estou convencido que os camaradas vão conseguir os seus objectivos».

«Há uma grande confiança das massas no Partido e um grande entusiasmo para a unidade Guiné-Cabo Verde. Em todos os pontos foi sempre o mesmo grito «Unidade Guiné-Cabo Verde». Nota-se um grande amor e uma grande admiração do povo de Cabo Verde, principalmente da juventude, para com o povo irmão da Guiné-Bissau e os combatentes da luta de libertação nacional».

«Fiquei absolutamente convencido que em Cabo Verde há grandes esperanças e os dirigentes estão à altura das suas responsabilidades. Vamos avançar a par, aqui e em Cabo Verde, para ver se conseguimos sair desta situação de desgraça que herdámos do colonialismo».

III CONGRESSO: A COMISSÃO ORGANIZADORA E O CONSELHO SUPERIOR DA LUTA REUNEM EM ABRIL

O camarada Luiz Cabral,

A ignomínia e a opressão varridas do

Era domingo. O sol do meio dia escorria do alto dos montes, escaldados e tristes, para aquecer os que, chegados do sul, tinham atravessado a ilha bordejando praias e ribeiras, ao longo de caminhos atapetados de bandeiras, cartazes, flores, cânticos e vivas ao PAIGC.

A ilha de S. Vicente, na vertente sul, sentia-se picada por vento incómodo. Os camaradas vindos da Guiné, disfarçavam o frio, mergulhando no calor do povo que os aguardava em cada vila, em cada aldeia, com a incontida alegria de quem reencontra um dos seus, dezenas de anos após as lutas e os combates, sobre as esperanças realizadas e as certezas confirmadas da guerra de libertação nacional.

Era domingo, tanto na vertente norte da ilha montanhosa, como por toda a África, nas cidades limpas do fascismo e do colonialismo, por esse mundo além.

Era domingo no Tarrafal. Lá, onde a memória do fascismo, das suas misérias e das suas ignomi-

nias se levanta perante os olhos espantados de quem se bateu para o erradicar da face da nossa terra.

O camarada Luiz Cabral visitava o presídio onde penaram e morreram os combatentes anti-colonialistas e anti-fascistas, africanos e portugueses que a ditadura irmanara no sofrimento e na resistência no «pântano da morte» nos cárceres do Tarrafal. Momentos antes, mergulháramos na memória do tempo ouvindo a recordação pessoal de um militante do Partido, que conhecera na carne o que era sofrer no Tarrafal, o que era morrer lentamente, no Tarrafal.

O camarada Malam Darame entrara connosco na sombria caserna de frestas estreitas onde ainda hoje se encontram as barras de ferro que afastavam os homens da vida e da liberdade. Chegara a meio, quedara-se emocionado.

«Ali estendia a minha esteira para descansar depois das horas ao sol no pátio da prisão. Ali morreram de fome e maus tra-

tos os camaradas Catubo Casamá e Biabe Nambua», ia dizendo, como que absorto na recordação dos anos 63 e 64 em que, dia a dia, repetiu o gesto de estender a esteira de verga para descansar os ossos moídos por violências e opressões.

Contou-nos depois que só naquele casarão se arrumavam 100 presos da Guiné, quase todos deportados por acusação de pertencerem ao PAIGC. Na caserna acima penavam uns 60 angolanos, entre os quais o camarada Luandino Vieira, escritor famoso e militante activo do MPLA.

«Uma das coisas que mais me atormentava era não poder contactar com os camaradas de Angola que estavam no pavilhão ao lado, e com o povo caboverdeano que nos apoiava, à distância. Quando os angolanos iam para o terreiro, ficávamos nós na caserna; quando eramos nós a torrar ao sol, horas seguidas, não os deixavam sair a eles. Eu saí daqui porque o fascista Schultz quis-se dar ares de democrata e resolveu libertar alguns presos. Mas ainda aí utilizou métodos

"NÔ PINTCHA" NA REGIÃO DE CACHEU

"O povo não se apercebe das modificações num só dia: a mentalização política leva anos e anos"

Cacheu, chão manjaco, é uma região com cerca de cem mil habitantes, distribuídos pelas tabancas de seis sectores — Cacheu, Cantchungo (o maior), Caió, Bula, Bigene e S. Domingos. Na cidade onde funciona a sede administrativa da região — e que se chama igualmente Cacheu — situou-se a primeira capital da Guiné «Portuguesa», depois transferida para Bolama e, por fim, para Bissau. Uma fortaleza em ruínas junto ao rio marca fisicamente a presença da dominação colonial, sacudida aqui apenas depois do 25 de Abril. No entanto, é na segunda cidade da região — Cantchungo — que vamos encontrar certos sinais de um esforço mínimo pelo desenvolvimento, mais aparente que real, desta terra.

Uma avenida larga e bem iluminada, um palácio colonial rodeado de jardins bem cuidados, um cinema de aspecto moderno e um estabelecimento liceal indicam-nos a preocupação da administração portuguesa em dispor de uma sala de visitas aceitável no Noroeste da «provincia». O «progresso» de Cantchungo surge-nos, no entanto, isolado e em contradição com os problemas reais da população desta região, que nas tabancas mais longínquas se vê confrontada com dificuldades de abastecimento, de saúde, de mentalidade. Desses problemas nos falou o presidente do Comité de Estado da região, camarada Orlando Nhaga, membro do CSL do Partido, numa entrevista que nos concedeu por ocasião de uma deslocação da reportagem do «Nô Pintcha» ao interior.

«Nô Pintcha» — *Gostariamos que nos falasse, em primeiro lugar, das dificuldades que o PAIGC encontrou quando quis penetrar nesta região e comparasse a mentalidade e a consciência política da população, nessa altura e agora, ano e meio depois da partida do exército português.*

Orlando Nhaga — A região de Cacheu é grande cheia de dificuldades. Na altura em que o Partido alargava a luta armada, tivemos imensas dificuldades em instalar homens nesta região, devido à pressão que os «tugas» exerciam naquela época. Mas, graças aos esforços dos combatentes, o Partido conseguiu libertar algumas partes da região. Expusémos o objectivo do nosso Partido e a maioria da população passou a apoiá-lo, na luta de libertação nacional. Enquanto os «tugas» faziam a sua política, contra o nosso Partido, fundamentalmente nas áreas sob o seu domínio, o PAIGC, sendo um Partido do Povo, procurava dar às pessoas exemplos concretos. Se não tivéssemos agido assim, teríamos hoje dificuldades muito maiores nesta região.

Quando chegámos a Cacheu, no dia 4 de Outubro do ano passado, a maioria da população entusiasmou-se, pensando que o Partido ia dar-lhe posições ou para ver o que era o Partido e depois fazer o que muito bem lhe apetecesse. Mal sabiam que o Partido vinha extremamente preparado, com toda a sua ex-

periência política, para mostrar a essa população qual o motivo da nossa luta e o que é que nos levou à vitória, tanto no aspecto político como no aspecto armado. Esses grupos de oportunistas não percebiam, na realidade, o que os colonialistas pretendiam fazer e, a dado momento, começaram a ficar descontentes. A situação em Cacheu era difícil, porque havia alguns indivíduos que pertenciam à Acção Nacional Popular no tempo dos «tugas» e outros que aproveitavam a oportunidade para arranjar problemas. Mas nós estávamos alerta e iam ficando a saber o que pretendiam. O nosso povo também não tinha oportunidade de viver como eles viviam. Em contrapartida, nós dizíamos que o Partido era do povo e que este seria o primeiro a beneficiar da vitória sobre o inimigo. O Partido pretendia simplesmente mobilizar as massas populares para poder desencadear a luta contra o colonialismo português, até à libertação total da Guiné e Cabo Verde, mas como um dever de cada um de nós, cidadãos destes países.

«Nô Pintcha» — *E actualmente qual é a situação política na região?*

Orlando Nhaga — A situação política está a normalizar, havendo mesmo assim, de vez em quando, certos problemas, sobretudo quando pretendemos fazer algum trabalho. Mas, quando surgem os problemas, nós temos obrigação de resolvê-los...

Estes problemas, relacionados com bolanhas, matos e outras propriedades que as pessoas venderam, são normais num país que atingiu há pouco tempo a sua independência. O povo não se apercebe das modificações num só dia; a mentalização política leva anos e anos. Por isso, estes problemas que surgem na região, quanto a mim, são insignificantes. Com a nossa capacidade de análise, vemos que não poderiam normalizar-se num só dia, uma vez que não fomos nós quem primeiro desencadeou a luta. Temos visto em alguns países a população bater nos comissários políticos; mas aqui não vamos admitir que isso aconteça, ou que as autoridades e os responsáveis das tabancas sejam ameaçados. O nosso dever é fa-

zer com que o comité atinja um nível superior de trabalho.

PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

«Nô Pintcha» — *Existem grandes diferenças entre os modos de vida e as mentalidades entre as pessoas das antigas áreas libertadas e as dos centros urbanos administrados pelos «tugas»?*

Orlando Nhaga — As diferenças são enormes. Nas áreas libertadas o Partido fez a luta lidando com as populações ao longo de cerca de onze anos, considerando, assim, a maior parte delas como militantes. Nós próprios também aprendemos muitas coisas através dos contactos e discussões com os responsáveis dos comités, mas tudo dentro do programa do Partido, não havendo qualquer queixa contra o Partido ou contra algum responsável. Quando um responsável comete um erro e isso não agrada à população, ela própria chama a atenção desse responsável, ajudando-o, por vezes, a resolver os seus problemas.

Nas áreas libertadas, não existia separação de classes, não havia especulação de preços, nem contribuição de bolanhas. Nestas zonas nasceu inicialmente a nossa revolução, porque quase todos os habitantes são indivíduos com muita consciência,

principalmente do que respeita ao Partido.

Nas antigas áreas ocupadas pelos «tugas», só havia calúnias e propaganda contra o Partido. Pretendiam mostrar que na cidade eram mais civilizados do que nós. Portanto, o nosso dever, agora, é alargar a consciência política nos centros urbanos.

«Nô Pintcha» — *Qual a situação das mulheres nesta região?*

Orlando Nhaga — Estão a progredir bastante. Tomam parte activa nas campanhas de mobilização, o que significa que querem fazer algo de importante. Nas zonas de Cacheu, S. Domingos, Bula e outras, as organizações das mulheres reúnem-se frequentemente para discutirem os seus problemas específicos. Vemos que as mulheres não se limitam a efectuar o trabalho doméstico, mas dão o seu contributo em tudo, ao lado dos homens. Muitas delas têm mais consciência do que os homens daquilo que fazem. Em certos comités, as mulheres estão a fazer melhor trabalho do que os próprios presidentes. Actualmente, existem mulheres que desempenham cargos importantes no Partido. Não lhes foram atribuídos por serem mulheres, mas sim devido à sua capacidade e inteligência.

(Continua na página 6)

ORLANDO NHAGA

Orlando Nhaga entrou para o Partido em 1964, tivesse iniciado a sua actividade política algum tempo antes, em reuniões com Jovens da área de C6, onde vivia com a sua família. Estas reuniões clandestinas provocaram a desconfiançados «tugas» e os seus jovens participantes tiveram que fugir para o mato. Foi nessa altura que Orlando Nhaga seguiu para Naga, Biambi e finalmente Morés, onde se juntou ao Partido.

Em Novembro de 1964 foi escolhido por Amílcar Cabral para a participar na formação de um exército que ia ser organizado em Conakry. A viagem foi difícil e, por falta de alimentação e de água, alguns camaradas ficaram pelo caminho. Orlando Nhaga foi indústriado para a prática de «morteiro 60». Finda a sua aprendizagem foi para Cundara, onde permaneceu cerca de um mês. Ali recebeu uma mensagem para partir para a União Soviética, integrado num grupo que ia efectuar um estágio político. Após o estágio, foi enviado para a zona Norte. O grupo chegou a Morés no dia 1 de Janeiro de 1966, onde foi recebido pelo camarada Francisco Mendes.

A sua missão consistia em dar formação política aos militares concentrados na base central de Morés. Pouco depois, o camarada Francisco Mendes constituiu uma brigada constituída por Orlando Nhaga, Samba Lamine Mané, Jorge Barai, Chico Bá, Mário Cabral António Moscov, José Landim e António Borges, que iniciou a formação de comités de tabancas. Orlando Nhaga foi destacado para Biambi. Em Setembro desse ano, Amílcar Cabral visitou o Norte e nomeou-o responsável político das milícias e da segurança no sector de Candjambari. Dois meses depois, foi designado comissário político do sector.

Depois da reunião inaugural do Lar de Ziguinchor, foi enviado para Sara, com as mesmas funções. Lá trabalhou até a nomeação para comissário político da região de Oio. Antes disso, em 1969, tinha sido nomeado membro do Conselho Superior da Luta. Após a morte do camarada Cabral, em 1973, a Direcção do Partido transferiu-o para região de Sara-Candjambari. Depois do 25 de Abril, foram-lhe atribuídas as funções de presidente do Comité de Estado da Região de Cacheu, que actualmente desempenha.

las
ico"

anunciou ainda, no seu regresso vindo pelos camaradas nestes últimos 20 meses, um trabalho gigante de Cabo Verde a chegada a Bissau, no princípio de Abril, do camarada Abílio Duarte, membro do CEL do Partido e Presidente da Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde, para se reunir com os demais membros da Comissão Organizadora do Congresso, camarada Francisco Mendes, do Secretariado Permanente do Comité Executivo da Luta, Vasco Cabral e José Araújo, ambos do CEL.

A Comissão vai fixar a agenda e a data da próxima reunião do Conselho Superior da Luta, que, por sua vez, marcará as tarefas gerais de preparação e de agenda do III Congresso do PAIGC. A reunião do CSL, segundo nos disse o camarada Secretário-Geral-Adjunto, deverá efectuar-se ainda durante o mês de Abril e se não for possível nesse mês, noutra data próxima, sempre antes do início das chuvas.

Tarrafal

próprios da gente do seu género: libertou alguns de nós, por sorteio. Meteram-nos no porão do navio «África Ocidental» e mandaram-nos para Bissau. Ai entrei imediatamente em contacto com as famílias dos presos que cá ficaram e recomecei o trabalho clandestino com os camaradas Fernando Fortes e Quintino Nosolini. A Pide começou e perseguir-nos e fugimos. Eu fui preso em Binar. Fiquei depois, meses fechado em Bissau até me deportarem para a ilha das Galinhas. Veio o Spínola que era outro grande fascista e como queria fazer política demagógica libertou-me».

«Nessa altura andavam a recolher dinheiro para formar a Acção Nacional Popular que era o partido do Marcelo Caetano e nós tivemos que explicar aos nossos compatriotas que aquele dinheiro era para massacrar o povo. Ali, fui preso de novo, por volta de 1972. Regressei à ilha das Galinhas onde me encontrou

(Continua na página 8)

Ajuda-Benfica no campeonato

A contar para a 13.ª jornada e última da primeira volta, do campeonato nacional de futebol, jogam hoje à noite em Bissau, no Estádio «Lino Correia», Ajuda Sport-Benfica. Ainda na capital, jogam amanhã, com início às 16,45 horas, UDIB-Gabú e às 21 horas, Ténis Clube-Atlético de Bissorã.

Nos restantes estádios do interior jogam Bula-Cantchungo, Bafatá-Sporting de Bissau, Balantas-Farim e Tombali-Bolama.

Em reservas, a contar para a 4.ª jornada, jogam hoje, às 16,45 horas, FARP-Benfica e amanhã às oito horas, UDIB-Ténis Clube. A contar para a mesma jornada, o jogo Farim-Sporting está marcado para o próximo fim de semana.

Em júniores, hoje e amanhã, com início às 19 horas, jogam respectivamente, UDIB-Sporting e Ténis-Benfica.

X TAÇA DE ÁFRICA

Guiné e Marrocos na final

ADDIS-ABEBA (AFP) — Marrocos e a Guiné disputarão no próximo domingo a final da 10.ª edição da Taça de África das Nações em futebol. Marrocos, com quatro pontos, possui uma vantagem sobre a Guiné (três pontos) que deverá imperativamente triunfar, enquanto que aos marroquinos basta-lhes um empate para se tornarem campeões de África. Assim, o embate de domingo será um pouco defensivo, do lado marroquino.

Portanto, nada está jogado. Nesta jornada da véspera, os guineenses foram muito mais impressionantes que os marroquinos. Estes últimos, assim como os guineenses há dois dias, foram açoitados pelos nigerianos durante muito tempo, que praticaram uma marcação individual das mais estritas sobre os avançados marroquinos e muito particularmente sobre Faras, o cérebro da equipa. Os nigerianos não se limitaram no entanto apenas a destruir o jogo do adversário. Eles combinaram-se bem no ataque e foi lógico um dos seus melhores jogadores, o extremo Baba Otu, abrir o activo aos 50 minutos. Os nigerianos cometeram então um erro de endurecer o jogo e Baba Otu foi expulso onze minutos mais tarde. Então a vantagem numérica começou a pender em favor dos marroquinos que, finalmente, puderam impôr o seu jogo e pressionar o campo nigeriano.

A sua vitória foi duradoura: o empate só surgiu aos 81 minutos, por intermédio de Faras finalmente livre do seu «homem», Godwin Odiye, e foi a três minutos do fim que Guezzar, que substituiu Acila, lesionado, obteve «in extremis» um sucesso pouco convincente para Marrocos.

Em contrapartida, os guineenses reencontraram frente ao Egipto o

seu brio «brasileiro», mas necessitaram de meio tempo para levarem de vencida uma formação egípcia corajosa. Os jogadores egípcios, entre os quais abundam os lesionados (Mustapha Vabdopat, mesmo Gafar, foram tocados), mantiveram a cabeça fria durante 45 minutos. Se não fosse um ineficácia de Malacha, eles teriam aberto o activo: Mustapha Abdo (32 minutos) empatou, depois de Njolea (24 minutos) ter marcado pela Guiné. Mas, depois do reatamento da partida, os dados nunca mais foram os mesmos. A Guiné dominou em todos os domínios e os seus jogadores puderam efectuar um verdadeiro recital, que se traduziu por três golos em 11 minutos (Ghameen na sua própria baliza aos 53 minutos, Morciré Sylla, aos 62 minutos e Njolea aos 64).

O golo de El Siagy (86) não conseguiu modificar nada o fim de jogo que coloca a Guiné como a grande rival de Marrocos. Este, de jogo menos brilhante, corre o risco de ser seriamente contrariado, se o Sily renovar o mesmo «brilhante» feito frente ao Egipto.

DESPORTO ESCOLAR

Organizados pela secção desportiva do Liceu Kwame N'Krumah, realizou-se na semana passada torneios de atletismo, andebol, voleibol, basquetebol e futebol de salão.

Os torneios foram bastante animados e tiveram a participação de representantes de quase todas as escolas da região de Bissau. É de salientar que pela primeira vez participaram também os «Blufos», alunos das escolas primárias entre os 8 a 11 anos de idade.

No torneio de atletismo os vencedores foram os seguintes camaradas:

50 METROS «BLUFOS»

Anselmo Semedo Soares — 7,3 segundos — Cipes do Bairro;
Rosa Maria Pereira de Moura — 8,6 segundos — Cipes do Bairro.

75 METROS «PIONEIROS»

Suleimane Djaló — 10 segundos — Escola 5 de Julho;
Maria do Céu Lobo de Pina — 11,2 segundos — Cipes do Bairro.

800 METROS «PIONEIROS»

Napoleão Vieira — 2,7 minutos — Escola de Missirá;
Rute da Silva — 3,15 minutos — Escola de Bandim.

SALTO EM COMPRIMENTO

Faustino da Silva — 5,70 metros — Liceu;
Mamadú Djaló — 4,84 metros — Cipes do Bairro;
Isabel Vieira — 4 metros — Escola de Bandim.

100 METROS

Lucelina Alves — 14,1 segundos — Liceu;
Filomeno Lourenço — 14,3 segundos — Liceu.

LANÇAMENTO DE PESO

Djaló Bara — 13,90 metros;
Joaninha Graça — 10,40 metros;
Queba Sany — 9,40 metros;
Jóia — 8,85 metros.

1.500 METROS

Augusto Sanhá — 3,49 metros;
Ruth Almada — 6,11 metros.

«Nô Pintcha» em Cacheu

(Continuação das páginas centrais)

Nô Pintcha — julgamos que, como responsável do Estado e do Partido nesta região, lhe têm surgido problemas concretos, em vários domínios, ao nível do comércio e abastecimento, por exemplo, tem tido grandes dificuldades?

INTENSA ESPECULAÇÃO

Orlando Nhaga — O comércio e o abastecimento são problemas que colocam muitas dificuldades nesta região. Quanto ao comércio, penso que isso acontece em quase todo o País. O problema não existe só para os comerciantes, mas para toda a população. Foi para diminuir as dificuldades que o Partido criou os Armazéns do Povo. Aqui a questão agrava-se e acho que deverá ser resolvida a nível superior. Quando os comerciantes chegam com as mercadorias, vendem-nas ao dobro do preço do custo. O único meio para acabar com esta especulação consiste em criar e desenvolver os Armazéns do Povo. A nossa tarefa neste aspecto resume-se ao controlo das actividades dos comerciantes. A especulação, podemos dizer, é uma forma de luta contra o nosso Governo. Faço um apelo às autoridades superiores, para que nos apoiem, indicando-nos quais as medidas a tomar e quais as nossas possibilidades de venda de géneros no nosso mercado.

O problema do abastecimento verifica-se sobretudo na área de Susana, onde a população não recebe, sequer, produtos comerciais, o que a obriga a deslocar-se a S. Domingos ou a Cacheu, para poder adquirir alguns produtos. A única maneira de abastecer esta zona é por via marítima, porque a terra está recortada em ilhas. O Comité Regional depois de contactos com os responsáveis dos Armazéns, pensou pôr em funcionamento um estabelecimento nessas ilhas. Os comerciantes de Susana têm bastantes dificuldades em transportar as mercadorias de Bissau para Suzana, porque as despesas de transporte não compensam o ganho que podiam tirar. Portanto, nós queremos instalar Armazéns do Povo nestas ilhas, a fim de poder abastecer a população, principalmente em tabaco, que é o produto mais procurado.

«Nô Pintcha» — Os resultados das colheitas foram bons? As populações não têm dificuldades de alimentação?

Orlando Nhaga — Presentemente, as populações do interior lavram muito arroz, de modo que não necessitam ser abastecidas. Mas as populações das cidades, sobretudo em Cantchungo, têm muito necessidade de arroz, pois a maior parte dessa

população é constituída por funcionários.

O resultado da colheita deste ano é superior ao do ano passado, principalmente a de mancarra, na região de Bigene. É superior, porque o ano passado os lavradores não tinham sementes.

«Nô Pintcha» — Quais são os principais problemas da região no campo da Saúde?

Orlando Nhaga — Graças à construção de um grande hospital, o nosso povo já não tem as dificuldades que tinha no tempo da luta, para ir às consultas ou arranjar medicamentos.

Há pouco tempo, inaugurou-se em S. Domingos um hospital com 40 camas, que é, certamente, mais uma facilidade para o nosso povo. Todos os postos sanitários que existem nos sectores ou nas regiões, principalmente na de Cacheu, têm desempenhado importante papel, graças aos bons médicos estrangeiros, que estão a prestar uma colaboração activa, qm quase todos os postos existem maternidades com cerca de vinte camas e uma parteira em cada um deles, o que também é bastante importante.

Antigamente, verificavam-se nesta zona muitas doenças, mas, felizmente, todas elas curáveis.

DEZASSETE MIL ALUNOS

«Nô Pintcha» — Como têm sido encarados os problemas da Educação nesta região?

Orlando Nhaga — É um trabalho enorme e difícil de levar a cabo, devido ao elevado número de habitantes da região. O recenseamento dos «tugas» indicava 89 mil habitantes e no que este ano fizemos registamos cem mil habitantes. Temos em toda a região cerca de 17 mil alunos e 400 professores. Se o Estado não tivesse limitado o prazo das matrículas, estou certo que se atingiria os 18 mil, pois a maior parte das pessoas actualmente quer ir à escola. Isto é bom, mas se o nosso Estado atendesse só a este facto, certamente apareceriam inúmeras dificuldades, e não poderíamos avançar de modo nenhum.

Temos ensino liceal em Cantchungo, para o 3.º e 4.º anos, no Liceu Hô Chi Mihn. Apesar de não haver salas de aula em número suficiente, as aulas estão a decorrer bem, existindo colaboração de ambas as partes. Este ano não se verificam os problemas com os encarregados de educação que se registaram o ano passado, o que demonstra que os pais se preocupam muito mais com a educação dos filhos.

DOS LEITORES

Pela Emancipação das Mulheres

As comemorações do Dia Internacional da Mulher, no passado dia 8, suscitaram ao nosso leitor N'Bana Tamba, as seguintes considerações:

A semelhança do que acontecia antigas áreas libertadas pelo nosso Partido, celebrou-se entre nós o dia 8 de Março, designado por todos os países progressistas do mundo como Dia Internacional da Mulher. Tivemos a oportunidade de assistir a uma autêntica manifestação de mulheres, que expressavam mais uma vez a sua firme vontade de continuar a luta para a reivindicação dos seus legítimos direitos. Foi com orgulho que, pude constatar o grande poder de organização das mulheres, a demonstração da sua vontade férrea em levar até ao fim os objectivos em vista. Com efeito, as mulheres, respondendo ao apelo da sua organização representativa, a Comissão Feminina do PAIGC, acorreram em massa, tanto a nível de comités de bairros como a nível de «mandjoandades» e ainda de Comissariados, para demonstrarem a sua satisfação e o seu reconhecimento ao nosso Partido que, desde os primeiros momentos da sua luta, definiu claramente qual o papel da mulher na nova sociedade a construir na nossa terra. Uma sociedade em que a mulher teria os mesmos direitos e as mesmas obrigações que o homem, mas uma sociedade em que a mulher terá que lutar, se necessário for, com armas nas mãos, para conquistar o seu direito à igualdade.

Muitas mulheres compreenderam isso muito bem e engajaram-se na nossa luta de libertação nacional, ao lado do nosso glorioso Partido, lutando lado a lado com os homens, sem nunca terem recuado perante os perigos ou dificuldades. E, como todos nós sabemos, essas dificuldades foram várias. Hoje rendemos as nossas mais singelas homenagens a todas as mulheres que tombaram no campo da batalha para a conquista não só dos seus direitos de mulheres mas também para a conquista da nossa independência e soberania nacional, de que hoje podemos disfrutar.

Mas a melhor maneira de render homenagem a essas nossas heroínas, cujos nomes não vou designar porque seria trair a memória de muitas outras que ficaram no esquecimento, as tais combatentes desconhecidas, cujo valor hoje admiramos e cuja morte choramos juntamente com os seus entes queridos, é colocarmo-nos ao lado das nossas mulheres e, à semelhança do que aconteceu na nossa luta de libertação nacional em que elas deram a sua total participação, juntos marcharmos para o caminho do progresso e da felicidade. Mas que a determinação demonstrada não fique apenas nos cartazes e nos vivas gritados pela multidão que enchia por completo a praça dos Heróis Nacionais para comemorar aquele grandioso dia.

NIGÉRIA: FUZILADOS 30 TRAIADORES

LAGOS (AFP) — Pelos atos de fuzilamento executaram 30 das 32 pessoas condenadas à morte devido à sua implicação no golpe falhado, do mês passado, e no assassinato do antigo chefe de estado, general Murtala Muhammed.

O ministro da Defesa, general I.D. Bisala, assim como o único condenado civil, Abdulkarim Zakari, jornalista da rádio, estão no número das pessoas executadas. Ignora-se ainda a identidade dos dois condenados que não foram fuzilados.

As execuções tiveram lugar em público, na praia de Beach e na prisão de Kiri-kiri, perto de Apapa. As rajadas das armas automáticas duraram vários minutos.

GOLPE DE ESTADO NO LÍBANO

BEIRUTE (TASS) — O general Aziz Al Ahdab, comandante da região de Beirute, declarou à televisão que o exército libanês tinha tomado nas suas mãos o controle do país. Dizendo que não aspirava a nenhum posto político, o general pediu ao presidente e ao primeiro-ministro para se demitirem.

O general Ahdab indicou que o novo parlamento elegerá, no decorrer da próxima semana, o novo presidente, que nomeará imediatamente o novo primeiro-ministro. As unidades do exército controlam as principais administrações da capi-

TIMOR-LESTE PROSSEGUEM OS COMBATES

NAÇÕES UNIDAS (A.F.P.) — Prosseguem os combates entre as forças indonésias e a Frente Revolucionária de Libertação, em Timor Leste, indicou na terça-feira em Nova York, um dos dirigentes da FRETILIN, José Ramos Horta. Cerca de 30 000 paraquedistas e marinheiros fuzileiros indonésios estão actualmente presentes na parte oriental da ilha, mas não controlam mais que 20 por cento do território, acrescentou.

Ramos Horta, que se encontrou na terça-feira com o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, exprimiu a esperança de que o Conselho de Segurança retome o seu exame da situação no Timor Leste, a 24 de Março próximo.

«O Conselho, acrescentou, é posto frente à seguinte alternativa: reconhecer a legitimidade da República Democrática de Timor Leste, proclamada pela FRETILIN, ou a legitimidade do genocídio indonésio».

Algumas horas antes, um porta-voz das Nações Unidas tinha anunciado que Waldheim publicaria esta semana um relatório sobre os esforços do seu emissário especial, Vittorio Winspeare Guicciardi, para favorecer «uma resolução pacífica do conflito».

ANGOLA: Os imperialistas tentam repetir os mesmos métodos utilizados no Chile

● Luanda reconheceu a R.A.S.D.

PARIS (TASS) — Washington tenta usar contra a República Popular de Angola os mesmos métodos que empregou para derrubar o governo de Salvador Allende, no Chile: sabotagem económica, conspirações, terror, acções subversivas, escreve a revista «AFRICASIA».

Entretanto, os Estados Unidos não querem agir sós, começaram já a recrutar indivíduos e regimes inteiros para se associarem a esse sujo trabalho, anuncia a revista. Os emissários americanos efectuam actualmente visitas secretas às capitais dos países «interessados», pondo a funcionar o plano de acções comuns.

Os governos de quatro países da Europa Ocidental deram já o seu acordo para «estudar as possibilidades de uma participação estrat-

tégica e financeira» na realização deste plano subversivo, anuncia a «AFRICASIA». Este foi aprovado igualmente por dirigentes de certos países africanos e árabes, nomeadamente pela Arábia Saudita.

ANGOLA RECONHECEU A REPÚBLICA ÁRABE, DO SAHARA

Luanda (A.F.P.) — A República Popular de Angola decidiu reconhecer a República Árabe Sahariana Democrática, proclamada nas regiões libertadas do Sahara Ocidental, sublinha uma mensagem enviada por José Eduardo dos Santos, ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, ao governo da RASD, e referida pela Agência de Informação Angolana (ANCOP).

«Fiel à sua política externa de apoio e solidariedade para com os povos que lutam pela autodeterminação e independência nacional sublinha a mensagem, a República Popular de Angola decidiu reconhecer o governo Sahariano Ocidental, proclamada na República Árabe Sahariana pela Frente POLISÁRIO, como sendo o único e legítimo governo do povo sahariano. O governo de Angola considera que o combate heróico, que o vosso povo trava com determinação e coragem contra todas as forças estrangeiras de ocupação, pela defesa da integridade territorial e de unidade nacional, constitui uma contribuição inestimável à luta dos povos do continente africano, pela liquidação definitiva do colonialismo e do neo-colonialismo.»

«Em nome do povo angolano e do governo da República Popular de Angola, aproveito esta ocasião para transmitir aos distintos membros do vosso governo, os votos ardentes e sinceros de sucessos, de progresso e de prosperidade para o povo sahariano.»

Recorda-se que quatro países

CIMEIRA DOS NÃO-ALINHADOS PELA PAZ E SEGURANÇA

CAIRO (A.F.P.) — A Organização de Solidariedade dos Povos da Ásia e África (OSPAA), exprimiu a sua convicção de que a 5.ª Conferência da cimeira dos países não-alinhados, que terá lugar em Agosto próximo, em Colombo, marcará o começo de uma nova etapa na luta pela consolidação da paz e da segurança internacional, para o desenvolvimento posterior da política de desanuviamento no mundo, assim como para o processo de desanuviamento total e geral.

O comunicado da OSPAA recorda a política consequente dos não-alinhados na luta contra o racismo, o colonialismo e o neo-colonialismo e a reacção. Sublinha igualmente que a paz, a liquidação das bases militares estrangeiras e a criação de um novo sistema mais justo das relações internacionais fazem parte

já reconheceram a RASD, trata-se de Madagascar, Burundi, Argélia, e Benin (ex-Daomé).

MAURÍCIA INDEPENDÊNCIA HÁ OITO ANOS

TANANARIVE (TASS) — O estado mauriciano festejou ontem, dia 12 de Março, o 8.º aniversário da sua independência. No espaço destes oito anos, o estado realizou progressos indiscutíveis no plano social, económico e cultural. A produção anual de açúcar, principal produto de exportação ultrapassou 700.000 toneladas.

No fim do ano de 1975 foi posta em funcionamento uma fábrica que dará às plantações de açúcar da ilha 18.000 toneladas de adubo por ano.

Foram tomadas medidas com vista a diversificar a agricultura. O programa incide sobre o aumento da produção de arroz, de milho e da batata. As bases de uma indústria moderna foram lançadas. Prepara-se para explorar jazigos de petróleo recentemente descobertos na parte continental. Didiu-se construir em Port-Louis um novo porto altamente mecanizado, podendo acolher até 50 navios oceânicos.

A medicina e a instrução primária geral são agora gratuitas. Este ano as escolas primárias são frequentadas por mais de 150.000 crianças. Um número importante de alunos prosseguem os seus estudos na escola secundária.

Uma universidade forma especialistas qualificados. Na arena internacional, o estado mauriciano pratica uma política de não-alinhamento e de neutralidade positiva.

Luta com perseverança para fazer do Oceano Índico uma zona de paz, pronuncia-se à favor da paz e de uma cooperação com todos os países, baseada na igualdade em direitos.

integrante de um vasto programa de luta dos países não-alinhados para um futuro melhor.

Siad Barre denuncia

MOSCOVO (A.F.P.) — Mohamed Siad Barre, chefe de estado somaliano, atacou na sexta-feira na televisão soviética «as manobras agressivas contra a Somália, visando impedir o desenvolvimento das suas relações com a URSS e da Revolução».

Durante uma entrevista difundida, pouco depois de ter sido recebido por Nicolai Podgorny, chefe de estado soviético, Siad Barre não atacou particularmente nenhum estado. Na tribuna do Congresso do P. C. soviético, atacou, pelo contrário, directamente a «presença dos colonialistas franceses na pretensa Somália francesa (Djibouti), que activa a tensão e põe em marcha os planos do imperialismo».

«ESTUDAR PARA MELHOR TRABALHAR»

LUANDA (TASS) Uma campanha sob a divisa «estudar para melhor trabalhar» foi lançada na República Popular de Angola por apelo do MPLA. O seu objectivo é de mobilizar os alunos e estudantes de Luanda e de outras cidades do país para ajudar os camponeses a guardar as colheitas e aumentar a produção agrícola.

«GULF OIL» PAGOU O QUE DEVIA

PITTSBURG, PENNSILVANIA (AFP) — A Sociedade «Gulf Oil», um dos gigantes da indústria petrolífera americana, confirmou na passada terça-feira que ela tinha pago 125 milhões de dólares de imposto e de «royalties» ao governo da República Popular de Angola.

SENEGAL: SÓ TRÊS PARTIDOS

DAKAR (AFP) — O governo do Senegal fez inovações em matéria de Ciências Políticas, fixando em três no máximo o número dos Partidos Políticos do país e, sobretudo decidindo que estas formações deviam obrigatoriamente pertencer a correntes ideológicas diferentes.

Estas decisões, que tomaram forma de uma revisão constitucional e de uma nova lei sobre os Partidos (modificando a de Julho de 1975), adoptadas simultaneamente pelo Conselho de Gabinete senegalês, modifica sensivelmente o esquema político senegalês.

PORTUGAL: 14 PARTIDOS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL

LISBOA (TASS) — 14 Partidos políticos portugueses participarão nas eleições parlamentares que terão lugar a 25 de Abril próximo. A apresentação das candidaturas terminou na noite de 8 para 9 do corrente.

Vários partidos políticos, nomeadamente os partidos socialista, comunista e «popular democrático» candidataram-se em todas as circunscrições eleitorais.

KOUNTCHÉ NA ARÁBIA

RIAD (AFP) — O Presidente da República do Níger, o tenente-coronel Seyni Kountché, deixou Ryad na passada quarta-feira, no termo de uma visita oficial de três dias à Arábia Saudita, a convite do rei Khaled.

A situação no mundo árabe, em África e nos países islâmicos, assim como o problema palestino, foram discutidos durante as conversações do Presidente Kountché com o rei Khaled e o príncipe herdeiro Fahd, primeiro-vice-presidente do Conselho Saudita.

TITO NO MÉXICO

VERACRUZ (AFP) — O marçal Tito, Chefe de Estado jugoslavo, começou na última quarta-feira em Veracruz uma visita oficial de quatro dias ao México.

«À sua chegada à cidade mexicana, o marçal Tito foi acolhido pelo Presidente mexicano Luis Echeverría, assim como pelo Presidente da Câmara de Veracruz».

CONFERÊNCIA DO MAR

NAÇÕES UNIDAS (AFP) — A terceira conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar que se realizará de 15 de Março a 7 de Maio próximo em Nova York inscreve-se, como os dois precedentes encontros, em Caracas em 1974 e em Genebra em 1975, no movimento mundial que, desde o fim dos anos 50, visa instituir a regulamentação das relações económicas internacionais conforme a configuração política moderna da comunidade dos Estados membros da ONU.

Moçambique no conselho de segurança

NAÇÕES UNIDAS, NOVA YORK (AFP) — Realizam-se na próxima segunda-feira, «consultas» à porta fechada entre os membros do Conselho de Segurança, sobre a questão da assistência internacional a Moçambique, a seguir à sua decisão de fechar a fronteira com a Rodésia, anunciou-se na quinta-feira na ONU. Estas «consultas» antecederam a reunião, propriamente dita, do Conselho, que terá lugar por causa desta questão, na terça ou quarta-feira.

Indica-se que o pedido oficial desta reunião será efectuado, sem dúvida, pelo ministro dos Negócios de Moçambique, que deve chegar hoje a Nova York.

Nos meios informados da ONU prevê-se, por outro lado, que o Conselho de Segurança aproveitará estes próximos dias para debater a questão do reforço das sanções contra a Rodésia e da invasão do território angolano pelas forças da África do Sul.

Cabo Verde e a União Soviética assinam acordos de transportes

Durante a permanência em Moscovo da delegação do PAIGC ao XXV Congresso do PCUS foram assinados diversos acordos para o desenvolvimento da cooperação entre a República irmã de Cabo Verde e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A delegação de Cabo Verde era dirigida pelo camarada Herculano Vieira, Ministro dos Transportes.

Foi assinado um acordo de comunicações aéreas e, durante a cerimónia, o chefe da delegação soviética, Serguei Pavlov, vice-ministro da aviação civil, destacou que a URSS atribui grande importância às relações com países estrangeiros, «nomeadamente com os jovens países da África que se libertaram há pouco da dependência colonial». «As comunicações são um aspecto fundamental desta cooperação e é por isso que a AEROFLOT, com-

panhia estatal soviética, fazem actualmente voos para 69 países do mundo, dos quais 18 africanos», salientou o vice-ministro soviético.

No dia 4 de Março foi assi-

ASSEMBLEIA

(Continuação da 1.ª página)

lhos decorrerão em S. Vicente, na cidade do Mindelo.

Para além da escolha de deputados para a Comissão Mista, consta da ordem do dia a discussão e votação do orçamento e a ratificação das leis e dos tratados internacionais entretanto publicados.

Tarrafal

(Continuação da página Central)

o 25 de Abril de 74. Fui libertado a 4 de Maio».

Depois desta conversa na casa onde se amontoavam 100 patriotas guineenses, o camarada Malam Darame guiou-nos até outro tenebroso lugar de suplício. Trata-se de um bloco de cimento, mais baixo que a altura de um homem, menos largo que o comprimento das pernas, e onde apenas se podia estender o corpo numa direcção, sem mudar de posição. Para completar o castigo no isolamento desta câmara de torturas, uma fresta no cimento dava directamente para três ferros espetados na parede onde penduravam os presos, para os chicotear e torturar, à vista de quem se encontrava no isolamento.

Foi nesta câmara de torturas que um camarada de nome Eustáquio da Silva penou 30 dias saindo destruído para a vida inteira. Hoje mesmo continua sem recuperar das violências e desumanidades que sobre ele cometeram o fascismo.

O camarada Luiz Cabral visitaria o antigo presídio hoje transformado em quartel. Acompanhava-o o camarada Silvino da Luz, ministro da Defesa de Cabo Verde. Na parada, os recrutas caboverdeanos das Forças Armadas Revolucionárias do Povo, perfilarão-se para ouvir os dois combatentes da liberdade do nosso povo. Os gritos cerrados de «viva o PAIGC» responderam às saudações dos dois camaradas.

Sobre os muros da antiga prisão, hoje centro de preparação de recrutas, tremulava ao vento marítimo a bandeira do PAIGC, e a estrela da Revolução, sinal de que, hoje, na nossa Pátria libertada, na Guiné e em Cabo Verde, o fascismo e a opressão são apenas memória dolorosa sobretudo daqueles que, como Malam Darame passaram pelo Tarrafal e pela ilha das Galinhas.

nado o acordo de navegação comercial, sendo Cabo Verde representado pelo camarada Herculano Vieira e a URSS por Timotei Gujenko, Ministro da Frota Marítima. O camarada Herculano Vieira, Ministro dos Transportes e Comunicações da República irmã de Cabo Verde e membro da delegação do PAIGC ao Congresso do Partido Comunista da União Soviética frisou, na circunstância que «a assinatura destes documentos corresponde ao desejo do PAIGC de desenvolver a cooperação com a URSS e graças a eles ficam diminuídas as distâncias entre os nossos dois países o que permite tornar os nossos contactos mais intensos».

O acordo de cooperação aérea facilita a cooperação no campo de ensino pois contém cláusulas relativas à formação de quadros na URSS.

Quatro dirigentes angolanos assassinados pelos fantoches

LUANDA (AFP) — Os dois jornais diários de Luanda prestaram na sua edição de ontem homenagem aos quatro dirigentes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), cuja execução pela UNITA foi confirmada por um comunicado do Comité Central.

O «Jornal de Angola» e o «Diário de Luanda» publicam na primeira página, sob fundo negro, o comunicado do Comité Central anunciando a descoberta na região de Bié (ex-Silva Porto), no centro do país (onde várias valas foram descobertas após a retirada da UNITA) os cadáveres de Joaquim Kapango, membro do Bureau Político e do Comité Central do MPLA, Albano Machado, António Mário de Assis, e do comandante Bandedeira, altos responsáveis do MPLA na província de Huambo (ex-Nova Lisboa).

O comunicado publicado pelo Comité Central precisa que «após as verificações efectuadas pelo comando da Polícia Popular de Angola, de 5 a 9 de Março, foi confirmado o assassinato bárbaro dos quatro responsáveis encontrados sepultados na região de Capolo (perto de Bié) com centenas de outros camaradas assassinados pelos fantoches».

Por outro lado, a agência oficial ANGOP que anuncia a morte destes quatro dirigentes escreve nomeadamente: «estes militantes tinham sido entregues pelas autoridades portuguesas aos seus verdugos quando se encontravam já a bordo de um avião militar português, que se preparava para os evacuar em direcção a Luanda».

Em Bissau o ministro senegalês do Desenvolvimento Rural

O camarada Luiz Cabral recebeu ontem à tarde o ministro senegalês do Desenvolvimento Rural, Adrien Senghor, que era portador de uma mensagem do Presidente da República do Senegal dirigida ao Presidente do Conselho de Estado da nossa República.

O ministro senegalês declarou-nos, a chegada ao aeroporto de Bissau, ao fim da manhã de ontem, que o teor da mensagem se inseria «no quadro do reforço das relações existentes entre os nossos dois países e igualmente da cooperação inter-africana».

Salientou o desejo das autoridades do seu país em ver intensificadas as relações amigáveis e fraternais em todos os domínios entre os nossos dois países.

Acerca do reforço da cooperação bilateral, aquela individualidade adiantou que brevemente vai reunir-se uma comissão mista, constituída por responsáveis da agricultura e pesca dos dois países, para definir as modalidades práticas de uma cooperação que «esperamos venha a ser efectiva, pois os nossos dois países enfrentam actual-

mente os mesmos problemas. Por isso, devemos conjugar os nossos esforços, a fim de resolvermos problemas que são idênticos», sublinhou.

Sobre o desenvolvimento agrícola no Senegal, o ministro do Desenvolvimento Rural afirmou:

«No Senegal, consideramos como uma das primeiras prioridades a agricultura, ao mesmo nível da educação. O nosso governo consagrou a maior parte dos seus recursos ao desenvolvimento agrícola, e sobretudo, para introduzir no país uma agricultura moderna, medida prioritária no caminho do progresso».

Adrien Senghor recebeu cumprimentos, no aeroporto de Bissau, dos camaradas Samba Lamine Mané, comissário de Estado da Agricultura e Pecuária, Avito da Silva, secretário-geral do mesmo Comissariado, Flávio Proença, embaixador da Guiné-Bissau no Senegal, Luís Cândido Ribeiro, director dos Serviços da Economia e Estatutos Agrícolas e alguns técnicos daquele Comissariado.

Delegação da juventude em Cuba prepara festival internacional

Seguiu para a República de Cuba uma delegação da Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC), chefiada pelo camarada Carlos João Dias, do Comissariado do Estado da Educação Nacional e Cultura, acompanhado do camarada Joaquim Mumine Embaló, chefe de Secção de Formação de Quadros do Comissariado do Estado da Juventude e Desportos, a fim de participar na II Reunião do Comité Internacional Preparatório do XI Festival Mundial da Juventude e Estudantes, a realizar na cidade de Havana.

Tomam parte nesta reunião 200 delegados de mais de 20 países. O festival terá lugar no Verão de 1978.

Luís Orlando Dominguez, primeiro-secretário do Comité Nacional da

União dos Jovens Comunistas Cubanos, pronunciou um discurso inaugural nessa reunião, onde referiu que os jovens cubanos se prepararam com entusiasmo para o «Forum da Juventude», que prestará uma importante contribuição contra o imperialismo, pela paz e progresso. Orlando Dominguez sublinhou o alcance excepcional da solidariedade da juventude de todo o mundo para com a «Ilha da Liberdade».

No decurso da reunião foi lida uma mensagem de saudações de Fidel Castro, primeiro-secretário do Comité Central do PC cubano, e primeiro-ministro do Governo Revolucionário, que se congratulou pela realização do próximo festival, em Cuba.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

FIDEL CASTRO NA ARGÉLIA

ARGEL (A.P.S.) — Chegou a Argel, para uma visita amigável de trabalho, a convite de Houari Boumediene, Presidente do Conselho da Revolução e do Conselho de Ministros da República Argelina Democrática e Popular, Fidel Castro, Primeiro-Secretário do Comité Central do Partido Comunista Cubano e Primeiro-Ministro do governo Revolucionário de Cuba.

MOÇAMBIQUE NA ONU

MAPUTO (TASS) — Joaquim Chissano, ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, deixou Maputo com destino a Nova York, onde assistirá à sessão extraordinária do Conselho de Segurança na ONU, convocada a pedido de Moçambique, que está a ser alvo de agressão por parte da Rodésia racista.

NIGÉRIA PEDE EXTRADIÇÃO DE GOWON

LAGOS (A.F.P.) — O governo militar federal da Nigéria pediu à Grã-Bretanha a extradição do antigo chefe de estado, general Yakubu Gowon, que é acusado de estar relacionado com o golpe de estado de Fevereiro último, anunciou o Chefe do Estado-Maior, general Shehu Yar'Adua.

Já se pediu ao general Gowon que regressasse à Nigéria para vir defender-se, acrescentou, precisando que foram tomadas medidas para que ele possa ser repatriado a fim de responder às questões que os responsáveis nigerianos lhe querem pôr.

ARGEL-LUANDA POR AVIÃO

ARGEL (A.P.S.) — Argel vai ter ligação, por via aérea, com Luanda, capital da jovem República Popular de Angola, a partir do dia 1.º de Abril de 1976.

A realização desta ligação é devida ao acordo aéreo assinado em Argel no mês de Fevereiro último, e entra no quadro de desenvolvimento de uma cooperação estreita entre a Argélia e a RPA.

Esta linha, inscrita no programa de extensão da rede internacional da companhia nacional «Air-Algerie», contribuirá de maneira concreta para o reforço dos laços de amizade entre os dois países.

PROTESTO SOVIÉTICO

MOSCOVO (TASS) — O ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS protestou vivamente pelo facto da parte americana não ter tomado medidas eficazes para assegurar a segurança dos esportistas soviéticos e do seu pessoal nos Estados Unidos. «É incumbida ao governo dos Estados Unidos toda a responsabilidade desta atitude», acentua a declaração feita na sede do ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS ao embaixador dos Estados Unidos em Moscovo, Walter Stessel.